

FATOS MARCANTES DO SETOR MINERAL DO ESTADO DO PARÁ

Collyer, T^{1.}; Braga, J. B. P^{2.}; Amaro G^{1.}; Gouvêa, J. L^{1.}; Vasconcelos, M^{1.}; Brito, M^{1.}; Andrei, C^{1.}

¹Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Pará; ²Departamento Nacional da Produção Mineral.

No Pleistoceno, grupos humanos já realizavam prospecção mineral com conhecimento das propriedades mineralógicas e petrológicas das rochas e minerais que comporiam seus artefatos e petroglifos. A descoberta de ouro em 1615, na região rios Gurupi e Piriá por viajantes entre Belém e São Luís, na Província do Maranhão e Grão-Pará, atual BR 316, permitiu sua exploração pelo francês Daniel De La Touche, expulso de São Luís por Jerônimo de Albuquerque. Dessa região também provêm as rochas granitóides usadas como paralepípedos e encantaria no Forte do Presépio, em Belém, como na confecção dos artefatos utilizados no escambo entre os Timbiras e os Marajó. No Pará desde 1665, os Jesuítas garimpavam ouro até serem expulsos pelo Marques de Pombal, utilizando-se dos escravos africanos que dominavam o uso das bateias cônicas, tradicionais nas Minas do Rei Salomão, na Etiópia. Reconhecimentos geológicos ocorreram a partir de 1895, por Miguel Lisboa, na região do rio Gurupi, patrocinado pelo Barão de Capanema, e pelo casal Henri & Madame Coudreau, em cerca de 4.000 quilômetros de rios e 38 folhas de levantamentos. Além de 20 tribos indígenas, estudaram o clima, fauna e a flora Amazônica, dos rios Tapajós, Xingu, Tocantins, Araguaia, Itacaiunas, o interflúvio Tocantins/Xingu, Nhamundá e Trombetas, descobrindo a Província Mineral de Carajás, redescoberta pelo geólogo Hitler em 1967 e o Distrito Mineiro Estanífero do Xingu. As amostras da Madame Coudreau seriam roubadas do Museu Paraense Emilio Goeldi. Entre 1935 e 1937, *uma expedição nazista mapeou o rio Jarí, liderada por Otto Schulz-Kampfhenkel, a mando de Hermann Göring, e como principal missão, desenvolver a aerofotogrametria para uso militar.* As ocorrências de ouro no rio Tapajós, citadas pela Coletoria de Santarém, do século XVII, após a extração pelos jesuítas, chegou a contar, durante a década de 80 do século XX, com mais de trezentos garimpos e conflitos sociais, particularmente no Castelo dos Sonhos, descoberto pelos geólogos do IDESP. O Serviço Geológico Brasileiro e o Departamento Nacional da Produção Mineral tiveram destaque na pesquisa e fomento, através dos projetos “Levantamento Geológico na escala 1: 250.000, “Estudo dos Garimpos Brasileiros”, “Tapajós”, “Programa de Informações Geológicas e Geoquímicas”, assim como as teses desenvolvidas pela UFPA. Em 1979, o fenômeno Serra Pelada, descoberto pelo ex-aluno de Geologia Vilfredo, produziu anualmente mais de 40 toneladas, junto com os garimpos do Tapajós, Cumaru, Gurupi, Redenção, Volta Grande e Jarí. Quanto às gemas, em 1786 o coletor de impostos de Santarém enviou ao Rei de Portugal quatro diamantes com aproximadamente oito quilates, excelente qualidade e provenientes do rio Cupari, no município de Aveiro. A produção mineral paraense é primária-exportadora, onde as Províncias Mineraias de Carajás; Aurífera do Tapajós; Aurífera do Gurupi; Aurífera de Andorinhas-Sapucaia; Paru-Jari; Distritos Bauxitífero do Trombetas, de Paragominas, Caulínico do Capim e Niquelífero do Xingu/Araguaia, são responsáveis pelo Pará ser o segundo produtor mineral brasileiro, com 16% da produção, reservas de 30,5% do ferro; 80,6% da bauxita; 43% do caulim, 75% do cobre; 25,4% do manganês; 21,2% do níquel, 300 t de ouro e 60 variedades em 250 ocorrências de gemas.

GEOLOGIA ECONÔMICA; GEODIVERSIDADE; PROSPECÇÃO.